

Officina de composição  
e impressão de  
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR  
Manuel Homem de C. Christo  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

**Assignaturas**

AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brasil e Africa, anno 24500. Semestre, 12500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

Numero 428

## PRINCIPIOS

Não ha em Portugal um livro que faça a historia do exercito portuguez. Escreveu Latino Coelho um, mas incompleto. Está escrevendo outro o sr. Christovam Ayres, mas, alem de tambem incompleto, o sr. Christovam Ayres por titulo nenhum pôde merecer o nome de historiador. Julgamos que é muito boa pessoa, com todas as bellas qualidades que recomendam um servo obediente da Santa Madre Igreja, um subdito leal de Sua Magestade, um socio affectuoso da Academia Real das Sciencias e um cavalheiro respeitavel coberto de respeitaveis condecorações. Mas... nada d'isso é titulo para historiador. Poderia parecer impossível. Mas nem impossível parece. Toda a gente sabe e toda a gente diz, quanto ao pescador, que quanto mais burro mais peixe. Deus nos livrara de comparar o sr. Christovam Ayres a um pescador. Não é esse o nosso proposito. Não nos passa isso pela mente. Mas, guardadas as proporções e as diferenças de gerarchia, succede com os homens de letras o que succede com os pescadores. Quanto mais cheios de veneras, de consagrações officiaes, de titulos de sociedades sábias, isto é,—salvo o devido respeito,—de peixe, mais falhos de intelligencia, mais pobres d'idéas. E é por isso mesmo que a boa e santa natureza, sempre compensadora, lhes dá, a esses... tanto peixe. Não havia de ser tudo para uns e nada para outros. Não cabem dois proveitos n'um sacco.

E', pois, um cavalheiro respeitavel, segundo a tradição, as Ordens do Exercito, o *Diario do Governo*, enfim, segundo a chronica particular e publica, o sr. Christovam Ayres. Simplesmente, isso não basta para ser guia, orientador, mestre, das almas ignorantes. Nós só lamentamos, já que falamos no assumpto, e só o lamentamos por este amor do progresso humano que sempre possuímos, por este fundo de patriotismo consciente de que sempre demos prova, que a historia do exercito portuguez cahisse nas mãos d'um homem virtuoso, d'um cavalheiro, d'um cidadão trabalhador e zeloso, com os melhores desejos de se desempenhar cabalmente dos seus encargos, mas... incapaz de escrever coisa que se leia. Já seria pena que o sr. Christovam Ayres, não obstante todas as suas virtudes, regesse na Escola do Exercito uma cadeira importante, na qual lhe succede o mesmo que na sua historia: fala, fala, fala e... ninguém aproveita nada do que elle diz. Já seria pena. Escrever ainda por cima a Historia do Exercito Portuguez, para succeder aos leitores o que succede aos alumnos da Escola do Exercito, francamente, é mais do que pena, é dôr.

Que nos perdoem todos os servos obedientes da Santa Madre Igreja, todos os subditos leaes de Sua Magestade, todos os socios affectuosos da nossa Academia, e todos os cavalheiros, officiaes, commendadores e mais irmãos venerandos das veneraveis ordens nacionaes e estrangeiras. Que nos perdoem. Mas pela verdade, dizem os

grandes mestres da moral desde a noite escura dos tempos, como escreveria o sr. Christovam Ayres, se deve a gente deixar matar. E nós estamos, unicamente, dando agora curso á verdade.

Não ha, portanto, um livro em Portugal que faça a historia do exercito portuguez. A historia intelligente. A historia consciente. Porque, se o houvera, vêr-se ia quanto ha de falso n'essa pretendida identificação do militarismo com o patriotismo.

Quem se revoltou contra a patria depois da morte de D. Fernando, senão a fina flor, como escreveria ainda o sr. Christovam Ayres, do exercito portuguez? O exercito, então, era a aristocracia. Por ella, directamente, e, indirectamente, pelos homens que ella armava. Aparte meia duzia de fidalgos, que partido tomou a grande massa da fidalguia portugueza? Não foi o partido de Castella?

Onde encontrou a Hespanha o seu maior apoio depois da morte de D. Sebastião, para attentar contra a independencia de Portugal? Não foi na fidalguia e no alto clero, nos chefes do exercito, sem excluir os heroes das campanhas da India, e nos seus guias espirituaes? Se mais tarde os fidalgos fizeram o acto de 1640 foi porque a Hespanha imbecil os tratou com tanto pontapé que mais valia morrer, que viver d'aquella sorte. E assim mesmo foi preciso que os estimulasse, juntasse, exaltasse, um plebeu.

Se formos para o estrangeiro vê-se a mesma coisa que se vê em Portugal. Quem entregava a França á Inglaterra, durante a lucta dos cem annos, quem combatia contra a patria, eram os grandes fidalgos, os grandes chefes do exercito. Foi preciso apparecer uma creatura do povo, e mulher, para que se accendessem o fogo sagrado, como diria ainda o sr. Christovam Ayres, do patriotismo. E então, só então, foi levada de vencida a Inglaterra.

Quem procurou, mais tarde, entregar a França á Prussia e á Alemanha? Os chefes do exercito, os fidalgos, como em dezenas d'artigos n'este *Povo de Aveiro* demonstramos ao escrevermos sobre as guerras da revolução. Os officiaes, os emigrados, desertaram em massa para o exercito inimigo. E foram os civis, uns investidos nas altas funções de representantes do povo, outros arvorados á pressa em generaes, outros feitos a correr soldados, sargentos, officiaes, que salvaram a patria da invasão do estrangeiro.

Os leitores lembram-se dos muitos artigos que sobre esse assumpto publicámos. E' escusado, agora, insistir.

Não se diga, ao ouvir-nos tão inflamados no combate contra a velha reacção, que nos tornámos anarchista. Não. Não o fomos e não o somos. Mas o que fomos e o que somos é inimigo declarado e accerrimo de todos os abusos, de todas as especulações, de todas as mentiras. Mas o que fomos e o que somos é partidario declarado e accerrimo de todos os aperfeiçoamentos sociaes, ou elles conduzam ao collectivismo, ou conduzam ao

anarchismo, ou conduzam seja aonde for. No que simplesmente cumprimos o nosso dever de democrata. Sim, o nosso dever de democrata. Como democrata não podemos deixar de reconhecer a desigualdade de condições em que vive a humanidade e a iniquidade tremenda que resulta d'essa desigualdade. Desigualdade de condições politicas, desigualdade de condições economicas. E se como democrata reconhecemos a iniquidade que resulta d'essa desigualdade, como democrata somos obrigado, para não mentir a esse titulo, não só a combater as origens d'essa iniquidade como a trabalhar para um melhor futuro da humanidade.

Qual é esse futuro? Porque formula se rege? Rege-se-ha pela formula collectivista? Rege-se-ha pela formula anarchista? Rege-se-ha por uma formula baptisada amanhã ou alem com outro nome? Pouco importa. Não será nenhuma d'ellas. E será, talvez, uma formula intermedia a ellas todas. Em todo o caso uma formula apoiada em mais liberdade, em mais solidariedade, em mais justiça.

A nossa politica, a nossa doutrina é caminhar para ahi. E' favorecer, sempre, sempre, a marcha ascensional da humanidade. E para isso nem esperamos pela Republica para a republica fazer tudo, nem dizemos como os republicanos que não vale a pena instruir o povo, como disse José Caldas, o grande coryphen, nem escrevemos que vale mais uma dictadura intelligente e honesta do que o parlamento, mesmo com os seus vicios, a funcionar, como disse o sr. Bazilio Telles, nem hostilizamos com mais vigor um governo monarchico que dá liberdades do que um governo monarchico que as não dá, processo invariavel de todos os chefes republicanos n'esta terra, nem, enfim, zombamos, como o sr. Brito Camacho, das mais generosas aspirações, por mais que ellas nos pareçam n'este momento ou n'um momento proximo irrealisaveis, ou nos rimos, como elle e outros, dos immortaes principios.

A evolução não tem solução de continuidade. Faz-se sempre, até quando parece estar interrompida. O que pôde é marechar mais aceleradamente ou mais frouxamente, segundo as circumstancias. Ora o que faz um homem de intelligencia e de coração, e esse homem não pôde deixar de ser um democrata, é servi-la, é facilitar-lhe o caminho, é auxilia-la honradamente. E para esse fim servem todos os materiaes, quando sejam materiaes de liberdade e de justiça. Serve a concessão arrancada aos governos, serve a propaganda insistente dos principios desde já applicaveis, como serve a mais larga tolerancia, com a esperança d'elles virem a ser realisaveis, em face d'aquelles que, constituindo uma grande aspiração de justiça, são por ora irrealisaveis.

O mundo não parou na monarchia constitucional, nem pára na republica capitalista, militarista, clerical que ambicionam quasi todos os nossos republicanos. Passará por ahi? Passará, mas que se demore o menos tempo possível n'essa situação incompativel com os principios da mais sã democracia.

E' a nossa politica. Não tremerei de indignação na sepultura ao saber que os homens que me succederem são muito mais

felizes que os homens do meu tempo.

Não me assusta essa idéa na vida. Essa certeza não me causará horror na morte.

### POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos 1, 102-104. Tabacaria Fillmino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza d'Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

### OS REVOLTADOS!

Quem os viu e quem os vê!  
Quem os ouviu e quem os ouve!

Escrevendo sobre a conferencia de Haya, diz, na *Lucta*, o sr. Brito Camacho:

«O desarmamento das nações, que temos de considerar na actualidade mais como uma aspiração de philantropos que como um pensamento de estadistas, deve ser uma conquista tardia, um termo remoto na série de transformações por que tem de passar as sociedades. A guerra será impossível... quando deixar de ser uma necessidade ou uma vantagem. Para chegarmos ahi, precisamos fazer ainda uma longa caminhada, tão longa que dê tempo a que se modifique a nossa organização psychologica, no seu modo de ser moral, e se refaça de *fund en comble* a organização da nossa sociedade, principalmente no seu modo de ser economico, no triplice ponto de vista da produção, distribuição e consumo da riqueza.

Viveria muito mais que Mathusalem, que viveu para mais de nove seculos, aquelle de nós que pudesse chegar vivo até esse momento remoto da evolução da Humanidade.

Figuremos que amanhã as nações, sob o influxo d'uma bebedeira alegre, acordavam não só em desarmar proporcionalmente, mas em inutilisarem por completo, e ao mesmo tempo, tudo quanto possuissem de material de guerra. No dia seguinte, passada a bebedeira, desatavam a bater-se... a sopapo.

A arbitragem obrigatoria é outra aspiração generosa, que só tarde, muito tarde, poderá tornar-se realidade. Como não de aceita-la as nações, se dentro de cada nação ainda ella não regula eficazmente o conflicto das classes? O que a este respeito fez a conferencia de Haya, foi pouco mais do que pôr a questão e discuti-la, reconhecendo a impossibilidade de a resolver.»

Como estamos longe dos tempos, não em annos, porque foi n'outro dia, pôde-se dizer, mas em idéas, como estamos longe dos tempos em que o sr. Brito Camacho, e o seu logar tenente na *Lucta*, o sr. João de Menezes, eram anarchistas!

Porque os leitores ignoram talvez que os dois cavalheiros foram anarchistas. Pois foram-no, e dos mais audaciosos nas afirmações, e dos mais retintos. Um anarchista de nome e de doutrina. Outro, o sr. Brito Camacho, só anarchista de doutrina, pois o nome recusava-o.

O sr. João de Menezes, esse, foi o chefe do grupo dos estudantes anarchistas de Coimbra, abrindo, para constituir esse grupo, uma scisão no partido republicano academico que manobrava ás ordens do sr. Antonio José d'Almeida. Lembra-nos muito bem. Não estavam presentes. Não eramos estudante. Somos mais velho em idade e em democracia que qualquer dos actuaes jovens coryphens do republicanismo portuguez. Mas nem perdemos de vista, nem se nos varrem da memoria as coisas interessantes. Se as vemos, se as lêmos, ficam-nos. O grupo João de Menezes separava-se, ruidosamente e escandalosamente dentro da academia, do grupo, mais numeroso, de Antonio José d'Almeida. E no primeiro anniversario da morte de José Falcão ia ao cemiterio de Santo Antonio dos Olivaeas, com todas as formalidades do estylo, e nas quaes são emeritos, já se sabe, os figurantes das varias egrejinhas da republica portugueza, ou seja republica parada ou seja republica vermelha, ia ao cemiterio de Santo Antonio dos Olivaeas depôr uma corôa sobre a sepultura do fallecido cathedratico, na qual se liam estes dizeres:

A JOSÉ FALCÃO

DEFENSOR DOS MARTYRES

DA

COMMUNA DE PARIS

OS ESTUDANTES ANARCHISTAS

DE COIMBRA

E seguíam os nomes dos estudantes anarchistas de Coimbra, que na mesma data fundavam a *Revista Livre*. Era chefe do grupo, como já dissémos, o sr. João de Menezes. Era o sr. João de Menezes o director da publicação anarchica, baptisada com o nome de *Revista Livre*.

Como manteve o sr. João de Menezes essas tradições? Pouco depois casava-se, e casava-se civilmente porque, casando-se com uma senhora judia, e fiel á religião hebraica, só poderia casar com ella civilmente. Mas logo o seu primeiro filho era baptisado catholicamente, sem que a favor do sr. João de Menezes, como se vê, pudesse militar a razão, invocada por muitos, da transigencia com o espirito religioso da mulher, razão que, no entanto, não se pôde admitir, porque a admittirmos essa razão temos de admittir todas as outras que, verdadeiras ou falsas, se invocam para explicar ou justificar qualquer apostasia. Não faltam nunca razões para explicar ou justificar a traição aos principios. Se minha mulher ou minha mãe não quer sacrificar as suas opiniões philosophicas, religiosas ou politicas ás minhas, porque motivo hei de eu sacrificar as minhas opiniões philosophicas, religiosas ou politicas ás d'ella? Eu tenho mais probabilidades de acertar, porque sou mais culto. Eu tenho perante a sociedade e a familia as graves responsabilidades que ella não tem. Se ha divergencia de criterio, pôde e deve a minha divergencia vingar de preferencia á d'ella. Nada mais ridiculo e mais attentatorio da intelligencia humana que transportar,—se vamos a encarar o caso pelo lado das deferencias—a cerimonia dos salões para o campo dos principios.

Mas nem no registro civil ha a menor violencia para opinão algu-

ma. O registo civil tem caracter neutro, absolutamente neutro. E' o unico terreno onde, com mutuo respeito e dignidade, se podem conjugar, em materia religiosa, opinioes oppostas. E por isso se vé a cada passo o mais ferrenho catholico casar civilmente com a mais fervorosa judia, a mais ardente partidaria da Reforma com o mais exaltado defensor de Roma. A mãe que deixa registar civilmente o nascimento de seu filho não abdica por tal facto dos seus principios religiosos, nem por si, nem pelo filho, pois o registo civil não impõe ao filho religião alguma, deixando o livre para, no pleno exercicio da sua razão, escolher mais tarde a que quizer. Mas abdica, e vergonhosamente, por isso mesmo que tem do seu lado a razão, por isso mesmo que não praticaria a menor violencia não abdicando, o pae livre pensador que, por deferencia com a mãe, ou com qualquer homem, ou com qualquer mulher, ou com qualquer interesse, matricula o filho inconsciente no gremio de qualquer religião. Não tem nenhuma desculpa aquelle que, dizendo-se livre pensador, procede por tal forma. Nenhuma. E' caso para se dizer da desculpa: peor a emenda que o soneto. Nenhuma. Sobretudo quando, como no caso do sr. João de Menezes, que tendo a desgraça de perder mais tarde uma filha a mandava ainda, casado com uma senhora judia, para o céo dos catholicos, encomendada ao Deus de Roma pelo prior, sobretudo, dizemos, quando está preso por affirmações publicas ás quaes decorosamente se não pôde faltar.

O sr. João de Menezes cedo começava a recuar. E tem recuado sempre até ao ponto de fazer causa commun com o sr. Brito Camacho, que faz da zombaria constante aos grandes ideaes da democracia—a peor obra reaccionaria a que um jornalista se pôde entregar—um dos motivos da sua graça.

Já aqui dissémos uma vez que o sr. Brito Camacho procede precisamente como aquelles monarchicos que praticando todos os attentados contra os principios democraticos vão sempre affirmando que teem mais amor á republica que os republicanos. Não ha republicano nenhum que não conheça um d'esses exemplares monarchicos. Homens que foram republicanos, que apostataram indignamente dos seus principios por qualquer interesse de barriga ou de vaidade, ou homens que não tendo sido nunca republicanos declarados se deram sempre o luxo de ostentar em particular opinioes democraticas, e que vão dizendo ao ouvido de cada republicano militante, ao mesmo tempo que a'uma obra incessante de desavença, de descredito, de embaraços ou de attentados, prejudicam profundamente a causa do progresso social ou politico: «Eu sou mais republicano que você!»

Nem só João Franco prejudica a causa da democracia. No fundo prejudica a menos, por isso mesmo que os seus attentados revoltam a consciencia democratica, produzindo uma larga e intensa reacção, que o sr. Brito Camacho a duvidar a toda a hora do triumpho e da efficacia dos mais generosos, dos mais proveitosos, dos mais capitães principios democraticos. Não ha prejuizo reaccionario equivalente ao do publicista que dizendo-se democrata, que dizendo-se republicano, que tendo a confiança do publico—sempre ingenuo, sempre simples—como verdadeiro e sincero republicano,—que é o caso do sr. Brito Camacho—não ha prejuizo equivalente ao d'esse cavalheiro a exclamar, escudado na sua reputação de democrata: «Dogma? E' uma coisa má. Mas não assistemos o povo ignorante combatendo o dogma. Deixa-lo viver em paz, ao povo ignorante, e na sua ignorancia, a vida de Mathusalem. Religião? E' mau impo-la. Mas a Republica só mais tarde, depois de ter vivido a vida de Mathusalem, poderá resolver o problema religioso. A guerra? E' má. Seria bom acabar com ella. Mas lérias. Não pensemos n'isso.

Isso é aspiração de philantropos (sub-entende-se idiotas) e não pensamento de politicos. Deixar viver a guerra dez vezes a vida de Mathusalem. Emancipação da mulher? Ora... Mathusalem foi mais infeliz que o Toselli. Porque nem tinha publico que lhe admirasse a cabeça, nem commercio ou industria que lhe aproveitasse (da dicta) as excrecencias ou as raspas, no seu tempo.» E assim por deante.

Em que serve o sr. Brito Camacho a democracia? Em combater João Franco? E' cem vezes mais funesto á democracia o jornalista que dissolve pela duvida, pelo pessimismo, pela descrença, que o dictador que, embaraçando n'um certo periodo, retempera, pelo menos as almas fortes, pela lucta, provocando reacções que podem apressar o advento d'essa democracia.

Duvidar é negar. Protelar é repellir. Sempre que se affirma insistentemente uma duvida prova-se falta d'amor á coisa duvidada. Sempre que se dá para um futuro longiquo a realização d'um facto prova-se que não nos agrada a realidade d'esse facto. O homem que ama julga o amor sempre possivel e julga sempre proxima a posse da coisa ou da pessoa amada. O sr. Brito Camacho não procede como um sincero democrata. Procede como um verdadeiro reaccionario.

Se os grandes ideaes, que agitam a humanidade, veem amanhã, ou veem alem, não sabemos, nem importa. São elles justos? São elles generosos? E' o que importa saber. Se o são, é dever de todo o homem justo e generoso ama-los e desejalos. E quem ama não duvida nem zomba do objecto do seu amor. Engrandece-o, exalta-o, trabalha por elle a toda a hora.

Será o collectivismo, na forma confusa sob que se apresenta ainda, uma impossibilidade pratica? Será o anarchismo uma utopia? Será. Mas se é certo, e n'esse ponto todos estamos d'accordo, que a injustiça é a base da sociedade actual, não se pôde contestar que são muito mais sympathicos esses *loucos* que denodadamente procuram aperfeiçoar a consciencia moral dos homens, attingir um melhor grau de justiça, diminuir, pelo menos, o grau da injustiça actual, que os *ajuzados* que reconhecendo, como os *loucos*, a base profundamente iniqua sobre que assenta a sociedade do nosso tempo, não só não empregam um esforço para melhorar a iniquidade que reconhecem, como tratam com rancor ou desprezo os que osam, n'um generoso impulso, tentar esse esforço.

Não se pôde reconhecer n'esses *ajuzados* a menor auctoridade para zombar de *taes loucos*. E muito menos n'aquelles que, antes de serem *ajuzados*, foram *loucos* como elles.

Se o sr. Brito Camacho não foi, como o sr. João de Menezes, anarchista de rotulo, foi, muito mais do que elle, anarchista de doutrina. N'um folheto que ahi corre, sob o titulo *Dois Crimes*, declara o sr. Brito Camacho que não é anarchista. Mas n'elle escreve palavras como estas:

«O anarchista é barbaro, mas o burguez é infame. Simplesmente o anarchista tem a intemerata coragem da sua barbaridade, e o burguez a covarde hipocrisia dos seus crimes. Pois não é revoltante que uns delirem na opulencia e outros estrebuchem na miseria? que uns desfructem todos os requintes do gozo, que a riqueza proporciona, e outros soffram todas as agonias que derivam da penuria?»

Sabe o amigo burguez donde vem o anarchista? Vem d'uma longa noite de soffrimento e ignorancia, desvairado por todas as misérias que podem atrofiar um corpo e perverter um espirito. Foi gerado n'uma atmosphera sem conforto; educou-se n'um ambiente sem luz, ao contacto da sumptuosidade criminosa a rir-se da sua indigencia honesta.

Não lhe falem de justiça, que elle só conhece as iniquidades de que é victima essa legião de párias, que é toda a sua familia; não lhe falem de clemencia, que elle é o herdeiro forçado e directo d'uma longa tradição de vinganças recalçadas, d'odios a custo reprimidos.

Escusam de me dizer que as *coisas são o que são*, que eu estou farto de encontrar esse altissimo conceito philosophico na bocca de muito ladrão impudente, zurrado por muita cavalgada feliz. O que é preciso é que

as coisas sejam o que devem ser, e os que não trabalharem para esse ideal de justiça, rebaixam a dignidade humana—são elles que affiam os punhaes e engatillham os revolvers de que se servem os anarchistas.»

Ora basta. O sr. Brito Camacho diz n'esse folheto coisas muito mais graves, muitissimo peores. Não as transcrevemos porque seria arriscarmo-nos a uma querela ou a trinta dias de suspensão. O sr. Brito Camacho ia até ao ponto de justificar o assassinio politico, a que se não atrevem os proprios que se confessam abertamente anarchistas doutrinaros.

Mas como se atreve o sr. Brito Camacho a zombar todos os dias, na *Lucta*, dos *immortaes principios*, a gracejar de todas as tentativas rasgadas d'emancipação, a fazer o jogo do clericalismo, do militarismo, do capitalismo, dando como tão utopicas, tão disparatadas as mais largas conquistas democraticas, que as adia para um novo millenio de Mathusalem, como se atreve o sr. Brito Camacho a fazer isso depois de ter escripto que está farto d'encontrar o conceito philosophico: **as coisas são o que são, na bocca de muito ladrão impudente, zurrado por muita cavalgada feliz?**

Como, depois de ter escripto que **é preciso que as coisas sejam o que devem ser e que rebaixam a dignidade humana os que não trabalharem para esse ideal de justiça?**

Eis confirmada mais uma vez a terrivel influencia do meio! Eis confirmada mais uma vez a razão dos anarchistas, quando dizem que o mal não é tanto do homem como da influencia da organização social! Na verdade, a cada passo deparamos com bellas almas e bellas intelligencias transformadas, sob a pressão das convenções, das mentiras, das chamadas conveniencias e regras sociaes, em monstrosinhos verdadeiros!

O sr. João de Menezes já não procura senão firmar a reputação de burguez grave, de politico atilado, de homem de juizo. Essa reputação é o seu ideal!

O sr. Brito Camacho já não procura ser senão uma especie de mestre da graça pornographica nacional. Adens aspirações humanitarias, adens revoltas d'outro tempo! Até o chefe do gabinete liberal inglez, auctor da nova tentativa de desarmamento, já é para o sr. Brito Camacho, para o grave e profundo sr. Brito Camacho, um filho de Mathusalem, um nephelibata!

O sr. Brito Camacho ri de tudo. Ri da Toselli e das raspas do seu illustre marido. Ri da menina de Runa, e da impotencia do senador Tojanni, que já não tem por onde se lhe pegue. Ri das velleidades de Magalhães Bastos em entrar depois de velho em Barcelona. E ri tambem dos *immortaes principios*, que n'outros tempos lhe provocaram o mais caloroso, o mais ardente enthusiasmo. E' o perigo de rir de tudo. Chega um homem a rir-se de si proprio!

Por isso mesmo, que se fique o sr. Brito Camacho na graça pornographica, exclusivamente, na qual, desde as suas bellas chronicas de Paris, o anno passado, até ás suas magnificas piadas da Toselli, da menina seduzida pelo senador italiano, e da entrada de Magalhães Bastos em Barcelona, ganhou louros primicias. N'esse genero é o primeiro. Fino, concordamos. Elegante. Verdadeiro litterato. Receba as nossas homenagens. Até, a escrever revistas do anno, por exemplo, de que o nosso publico tanto gosta, mas tão mal alinhavada em geral, pôde prestar relevantes serviços nacionaes. Mas fique-se por ahi. Em principios, não toque. Sobretudo, não se ria d'elles. Porque, já sabe, ri-se de si proprio. E mau é, repetimos, quando a gente leva o prurido de rir até ao ponto de rir de tudo, até mesmo de si proprio!

Ah, que se nós fomos Brito Camacho e João de Menezes tinhamos saudades do tempo em que haviamos sido doido... que o mesmo é dizer do unico tempo em que tinha-

mos tido juizo, ou a verdadeira graça e frescura da intelligencia e a verdadeira graça e frescura do coração!

## Cartas de Lisboa

18 DE OUTUBRO.

Escreve-me um amigo a fazer, um pouco, a apologia do militarismo, e dá-me como prova o esplendor e a força da Allemanha.

Ah, meu caro, mas é precisamente a Allemanha que me faz duvidar das vantagens do militarismo à *outrance*! E' precisamente a Allemanha que me faz rir da *graça* do sr. Brito Camacho sobre o millenio de Mathusalem! Se em 37 annos nós temos assistido a uma transformação tão espantosa, que já não ha maneira de resolver o conflicto economico da Europa senão por meio d'uma guerra desesperada, que succederá no periodo que decorrer correspondente á decima parte da vida de Mathusalem?

Em 1870 não existia ainda, pôde-se dizer, grande industria na Allemanha. Nasceu depois da guerra, com a unidade do imperio, com a affluencia de capitães que resultaram em grande parte da enorme indemnização franceza. E em menos de vinte annos tomou um vôo espantoso!

O commercio, naturalmente, acompanhou a industria no seu extraordinario desenvolvimento. Em 1872 as importações allemãs eram de 4.335.625.000 francos. Em 1900 chegaram a francos 8.027.500.000. E as exportações passaram, no mesmo periodo, de 3.120.750.000 francos, a francos 6.376.250.000.

D'aqui resultou, tambem naturalmente, um grande accrescimento da população industrial.

Em 1871 tinha a Allemanha 41 milhões de habitantes. Hoje tem 62 milhões, dos quaes só 21 milhões se entregam á agricultura.

Como crescesse immenso a população industrial, cresceu immenso a população das cidades. Crescendo a população industrial, crescendo a população das cidades, cresceu em proporção o movimento democratico, e o partido socialista cria de dia para dia maiores forças. Em 1871 tinha esse partido sómente 124.000 eleitores. Em 1890, 1.427.000. Em 1898, 2.220.000. Em 1903, 3.010.000, em 12.528.953 eleitores inscriptos e 9.495.762 votantes. A imprensa socialista dispõe já de 54 jornaes diarios com um milhão de assignantes. O amigo não se quer rir ainda comigo da graça de Mathusalem, do nosso pensador Brito Camacho? Então espere mais um instante.

Ao lado da organização do partido socialista existe, mais poderosa do que ella, a organização dos syndicatos operarios, onde o anarchismo já vae lavrando por entre o collectivismo dominante.

De tudo isto resultou uma enorme perturbação na vida da Allemanha. A sua organização politica é aristocratica, é cezariana. Dominaram sempre e dominam ainda, os fidalgotes, agricultores na sua quasi totalidade, e estupidos, ou ignorantes, o que dá o mesmo resultado. Portanto,

um desequilibrio, uma contradicção, uma antinomia profunda. Os fidalgotes despoticos, agra-rios, exigindo um enorme proteccionismo que encarece a carne e o pão, a dominar sobre uma população industrial democratica, intelligente, progressiva, que quer pão barato, carne barata, vida facil, liberdade.

Vê-se o conflicto. E comprehendem-se todas as suas graves consequencias.

O imperador vê-se attingido. Não é já sómente a Allemanha que corre perigo. E' o seu dominio, a sua supremacia, o seu proprio throno, que valem mais para elle do que a Allemanha. Ninguem se illuda, di-lo-hemos sempre, com tantatas de patriotismo. O patriotismo, tal qual o proclamam as classes dirigentes, não é senão uma maneira de salvaguardar interesses egoistas. As castas dominantes, e os reis acima d'ellas, só accéitam as patrias se as patrias servirem os seus interesses. De contrario não hesitam, não hesitaram nunca, em jogar os destinos das patrias para salvar esses interesses.

O imperador da Allemanha está um pouco nos casos de Napoleão III antes de 1870. A lucta de classes é formidavel. A transformação politica da Allemanha impõe-se. Aquillo não pôde durar muito. Como aparar o golpe? Como adiar, porque nem o termo resolver já se pôde empregar apropriadamente, o conflicto? Pela guerra! Foi a cartada de Napoleão em 1870. E' a cartada de Guilherme actualmente.

Dirme-hão: «Mas não é só Guilherme que quer a guerra; é a Allemanha toda.» Sim, amigos. Como a França em 1870. Nem por isso a guerra de 1870 deixou de ser uma cartada para Napoleão. Nem por isso a proxima guerra, que a Allemanha provocar, deixará de ser, *sobretudo*, uma cartada para Guilherme.

Napoleão teve facilidade em seduzir a França com as gloriosas militares. Guilherme tem a mesma facilidade na Allemanha. A França sentia-se mal em 1870. A Allemanha sente-se mal actualmente. E quando os povos se sentem mal qualquer sahida os tenta.

Crescendo espantosamente a população allemã, como crescer, necessario se tornou dar de comer a tantas boccas. Não bastando para isso a agricultura, recorreu se á industria. Fizeram-se esforços gigantescos para introduzir os productos allemães em todo o mundo, e muito se conseguiu n'esse sentido. Mas tambem já não basta. São precisos outros caminhos. E' necessario abrir novas portas. Essas portas, porem, persistem fechadas e não se abrem espontaneamente. Que fazer? Abri-las á força, grita o imperador. Abri-las á força, responde a Allemanha, que se sente mal, entusiasmaticamente.

Bem vê o amigo que a Allemanha tem a confiança cega na sua estrella que teem todos os povos depois de um grande triumpho. O exito, o successo, a victoria deslumbra os povos e as nações.

A Allemanha, sem o impera-

dor, resolveria a questão por outra forma, e resolve-la-ia muito melhor. Mas com o imperador não a pôde resolver senão pela guerra. Nem é possível fazer desde já uma revolução, nem, porque tem sido esse o destino de todos os povos militares, a Alemanha faria a revolução antes da guerra. Eis o perigo, amigo, eis o grande perigo do militarismo!

A guerra é popular na Alemanha. Tão popular, que nem os socialistas se atrevem seriamente a combata-la.

Mas vejamos. A guerra é intentada a pretexto de se abrir caminho, de forçar novas portas, que dêem saída aos productos allemaes. Quem está de guarda a essas portas? Quem embaraça esse caminho?

Ah, caro amigo, quem semcia ventos colhe tempestades. Eis os perigos, eis os perigos do militarismo!

Guilherme, calculando o esphacelamento da China, planeou uma *India allemã*. Apoderou-se de Kiao-Tchéon, como primeiro passo para a conquista de Chan-Toung, região riquissima, capaz de tentar o menos cubitoso. Mas lá estava a Inglaterra, que não dormia, que não dorme nunca. Solidamente estabelecida no Tibet, onde nascem os grandes rios chinezes, o Yang-Tsé-Kiang e o Hoang-ho, portanto podendo facilmente descer aos valles, que constituem o coração da China, podendo passar ao Turkeskhestan oriental, apoiada em Hong-Kong e em Chang-hai, e tendo ainda a proteger-lhe a marcha os seus postos militares da Birmania, visinhos da provincia chineza de Szé-tchonen, collocada no centro da bacia do Yang-Tsé, a Inglaterra comtudo achou pouco. E concluiu um tratado de alliança com o Japão.

Guilherme contava com a Russia, senhora da Mandchuria. A Inglaterra oppoz á Russia o Japão. O resultado sabe-se. A Russia foi batida. A integridade da China é a primeira condição imposta pelos japonezes nos seus tratados. E Guilherme, abandonando o plano da occupação de Chan-Toung, vê-se reduzido a Kiao-Tchéon, que, só por si, não vale nada. E assim mesmo é enquanto as circunstancias não permittirem que os japonezes se apoderem d'esse porto. E assim se foi por agua abaixo o sonho da *India Allemã*.

Como se não bastasse, Guilherme planeou também um imperio africano. Toda a gente conhece o seu famoso telegramma ao presidente Kruger. A Inglaterra apressou-se a conquistar o Transwaal e, sempre habil, não deixou passar muitos annos sem dar ao Transwaal a sua autonomia, o *self government*, tornando seu primeiro ministro o proprio Botha, general querido dos vencidos. O imperio anglo-africano, desde o Cabo até ao Cairo, é uma incontestavel realidade.

Guilherme quiz penetrar na Abyssinia e a Inglaterra apressou-se a concluir tratados com Menelik. Quiz penetrar na Turquia e o sultão dobra-se já á influencia da Inglaterra.

Perante este adversario formidavel, planeou Guilherme uma alliança com a França e tres vezes a offereceu á França. A

França tres vezes a rejeitou. Seria, na verdade, a unica maneira de Guilherme poder esmagar a Inglaterra. A alliança da França seria d'alta vantagem para a Alemanha, como, diga-se a verdade, para a propria França. Os estadistas francezes entenderam, porem, e entendem, que toda a alliança com a Alemanha é impossivel enquanto o tratado de Francfort subsistir.

O que a Alemanha não conseguiu, conseguiu-o a Inglaterra. Furioso, Guilherme ameaçou romper, a pretexto da questão de Marrocos. Não rompeu, e o resultado da conferencia de Algeciras, onde a Alemanha ficou só com a Austria, foi mais um desastre para Guilherme.

A Inglaterra não se limitou, porem, a chamar a si a França na Europa. A Inglaterra attraheu a Italia, a Hespanha, a Belgica, a Dinamarca, a Noruega, a Grecia, e, com a autonomia dada ao Transwaal, a propria Hollanda. Ao mesmo tempo, mantida a alliança entre a França e a Russia, chegou a um accordo com este ultimo paiz.

O que resta a Guilherme? Sabe-se quantos esforços elle empregou para chamar ainda a si os Estados Unidos, e como esses esforços se malograram.

O sr. Brito Camacho chama nephelibata a Campbell-Bannerman, o primeiro ministro da Inglaterra. Ora não falta quem diga que Campbell-Bannerman sabia muito bem o que ia acontecer em Haya. Previa nitidamente a recusa formal da Alemanha a todas as tentativas de pacifismo. Mas queria completar com esse odioso a obra da Inglaterra. Todas as nações adheriram á proposta anglo-americana. Excepto a Alemanha. Excepto a Austria. Como em Algeciras, a Alemanha ficou só com a Austria!

E', pois, positivo o isolamento da Alemanha. E', pois, positivo que lhe falta saída aos seus productos industriaes, e que d'ahi vae derivar uma crise peor que a de 1890 a 1891, a qual levou a ruina a numerosos bancos, a miseria a numerosos operarios. E' certo que o anno de 1906 ainda foi um anno prospero para ella. Mas calcula-se, e bem, que essa alta de negocios não poderá continuar.

E' positiva a crise do thesouro, pois os orçamentos fecham com deficit constantemente. O thesouro, desde a subida de Guilherme, tem contrahido dividas em valor superior a quatro bilhões de francos. E as finanças dos diferentes estados não são mais prosperas que as finanças do imperio.

Então onde está a força e o esplendor, amigo, que o militarismo deu á Alemanha? Nos pregões dos pangermanistas, que promettem o dominio da Alemanha sobre o mundo inteiro? Nos couraçados que se estão construindo? Nos canhões que se estão fabricando? Falaremos ainda n'outro dia sobre isso se quizer, amigo. Esta vae longa. Mais longa do que eu queria. Cheguei ao fim sem poder perguntar aos idolatras republicanos, que tanto festejaram a abnegação do Bernardino, o que dizem elles agora á renuncia de Julio de Vilhena. Se Bernardino mereceu 16 medallas, quantas merece Julio de Vilhena?

Mas, enfim, ficará tudo para outro dia. Falaremos, falaremos, no proximo domingo. Falaremos ainda da Alemanha, se lhe interessar, amigo, e do mais que lhe aprouver.

Aqui ha de tudo... como na botica. C.

SEMANA LISBOETA

A' hora em escrevemos ainda é presidente do conselho o auctor da lei de 13 de fevereiro.

Sentidos pezamos aos homens de coração.

O MANO FRANQUISTA

Sabemos pelo *Diario do Governo* que o sr. Mano, director geral d'instrução primaria (ó Mano, que luxo!) foi agraciado com a carta de conselho.

Calculamos como deve estar radiante o Idelfonso (Manó) que nós conhecemos republicano assanhado, feroz e toroz, exgottando contra a monarchia os ultimos tropos da já estafada réthorica dos tabladros. Satisfeita a pança e a vaidade, que feliz se deve achar o Mano!

Fez-se republicano quando viu as instituições tem te, não cáias. Foi vindo de esperanças até que acabou por perceber que aquillo assim não dava nada. E passou-se com malas e bagagens para o franquismo, tornando-se de então fervoroso admirador do Messias! Ande Mano, que vai em Maré de rosas!

NOS CAFÉS

Não julgue o leitor que vamos falar-lhe da concorrência das mundanas aos cafés. Não senhor.

Os vendedores de jornaes, na maior parte rapazitos que desde pequenos vão procurar naquelle meio de vida o auxilio de que, para os sustentar, as familias necessitam, apparecem, é claro, pelos cafés, centros de reunião onde, sobretudo á noite, se concentra o público que lê jornaes, a ver se vendem a gazeta tirando a pequena percentagem do seu trabalho. Os donos dos cafés, em vez de, visto que não querem os garotos lá dentro—o que já de si é brutalmente egoista—colocarem a cada porta um empregado para evitar a sua entrada, não fazem nada disso, não obstat a que os rapazes entrem e mandam depois os creados corrê los á pancada, de tal forma brutalmente, que ninguém que tenha coração pôde deixar de indignar-se. Tudo isto a pretexto de que os rapazes incommodam os fregueses a quererem impingir-lhe os jornaes.

Ora é realmente verdade que aquelles diabos não se podem ás vezes aturar e dá vontade de os correr. Mas desde que a razão domina a nossa impulsividade egoista, logo nos lembramos de quão amarga é a lucta pela vida, e compreendemos que aquelles desgraçados não fazem mais que resistir desesperadamente á fome que os espreita.

Mas, proprietários e creados, destes, uns contrafeitos e com certa repugnância, outros cumprindo as ordens do patrão com entranhado zêlo, não percebem, na sua assombrosa estupidez, que incommodam mais os fregueses praticando semelhantes brutalidades, do que os proprios rapazes, as mais das vezes pouco insistentes e pouco maçadores.

Não recebemos procuração para tratar este assumpto; apenas nos referimos a elle, expondo-o ao leitor, para que atente no estado de estúpida selvageria em que se encontra esta súa. Arre, diabo!

A VEZ DO CLERO

Diz-se que o governo projecta uma lei de lotação ao clero. Já tantava.

Comtudo ainda não está completa a obra do governo. Estamos muito longe disso. Pois se elle até já apregôa que o seu reinado não terá fim antes de 1917! Avalem pelos principios o que será o fim da obra do Mexias! E' monumental, este Xuão!

A'S AVESSAS

Estava ainda bonito o tempo. Bello sol, esplendidas tardes, noites agradaveis.

Era preciso calcetar o Chiado. A intelligente e zelosa comissão administrativa do Municipio de Lisboa lá entendeu, em seus elevados e inaccessiveis raciocinios, que não se devia começar o calcetamento enquanto o tempo fosse favoravel. E não se pensou no assumpto. Só quando veiu a chuva e a trovoadas se ouviu, quando as ruas começaram a encher-se da fastienta lama que é o flagello dos elegantes e o aborrecimento de todo o mundo, é que a intelligente e zelosa comissão administrativa resolveu começar o trabalho urgente!

E dizem que em Portugal não ha pensadores! Os pessimistas que põham ahí os seus olhos!...

CHEFIA REGENERADORA

Por aclamação foi ha pouco eleito chefe regenerador, em assemblea do partido, o sr. Julio de Vilhena.

Bem ou mal está prehenhida a vaga de Hintze Ribeiro. Pouco nos importa. Nada nos interessa.

Pedro ou Paulo, Sancho ou Affonso, chefe regenerador, vale para nós o mesmo porque o mesmo papel ha de desempenhar: opprimir e, portanto, atrazar a civilização. São todos a mesma coisa. Tyrannia, fraude, mentira, é o seu trilzemma. Pouco nos importa que o que haja de governar-nos, de roubar-nos ou permittir que, com o seu consentimento, outrem nos roube, e de constantemente enganar-nos, seja Julio de Vilhena, Teixeira de Souza, João Franco ou outro da mesma láia.

Não devemos gastar tempo discutindo quem deve fazer-nos mal, ou acalentando em nosso seio semelhantes viboras. A sua força é o nosso mal. E essa força vem da nossa fraqueza e da nossa cobardia. O remedio está em nós. Deixemos por uma vez de ser tolos!...

PARA TOLOS

Dizia um destes dias o órgão progressista:

«Hontem e hoje espalhou-se insistentemente o boato de que o partido progressista accetaria qualquer accordo com o governo para as eleições municipais. Pelas pessoas que andavam na faina, via-se bem que só se tratava duma mesquinha intriga. Mas, para não haver illusões, repetiremos, mais uma vez, da maneira mais terminante e clara que o partido progressista não firmará accordo ou combinação de especie alguma, eleitoral ou não eleitoral com o actual governo.»

Quem de boa fé lê a prosa politica destes senhores, acreditará por um momento que elles são sinceros. A experiencia devia já ter feito desaparecer os ingénuos que ainda acreditam em promessas de politiqueros profissionais. Não succede comtudo assim. Por esse país fóra ainda ha muito papalvo capaz de julgar, ao lêr esta affirmação do *Correio da Noite*, que, depois disto, os progressistas não irão fazer amanhã o contrário do que prometteram se os interesses partidários assim o reclamarem.

E' preciso que deixemos de acreditar em homens que faltam, inclusivamente, á sua palavra de honra comprometida (políticos). Se disso nos não convenceremos seremos fatalmente e eternamente comidos.

Gato escaldado...

MAGALHÃES... TRAIADOR

As gazetas da dictadura accordaram em meados da semana passada muito escamadas, furiosas e furibundas contra o sr. Magalhães Lima, que que no estrangeiro tem dado agua pela barba ao nosso tyrannete e á sua dictadura.

Fala-se em tremendas represalias que o governo pensa promover contra o jornalista republicano, accusado de crime de lesa-patriotismo (!)

O famoso liberticida é insaciavel! Fia-te na Virgem, não corras, e verás o trambolhão que levas...

RECTIFICAÇÃO

Na referencia que nesta secção fizemos no ultimo numero á viagem do *môgo príncipe* (delles) á Africa do Sul, transcreviamos algumas considerações que sobre este assumpto fez o *Progresso de Lourenço Marques*. Não pozemos comtudo entre ásperas as considerações que diziamos serem do collega, porque não transcreviamos exactamente as suas phrases. Procuramos sempre abreviar.

Foi o typographo do *Povo de Aveiro* que entendeu por bem fazer esta alteração, o que tornamos público, para que não fique no anonimato o prestante auctor de obra tão meritória.

PRÁ FRENTE!

O theatro Avenida inaugurou a sua época de inverno com uma revista assim intitulada, de que são auctores o sr. Camão Garcia e Ayres Pereira da Costa. A musica é dos maestros Thomaz D'el Negro e Calderon.

O Avenida que nos apresenta no cartaz um repertorio quasi todo novo e interpretado por numeroso elenco, mostra que tem em mente fazer resuscitar o genero de opera-comica, em decadencia pela ausencia de artistas que alem de dispôr de voz *cantabile*, representem os seus papeis. Lêmos os nomes de todos os artistas. Como primeiras figuras apparecem-nos duas mulheres estrangeiras: Carmen Cardoso e Dolores Rentini. Mau prenuncio! Não que estas creaturinhas não agradem; não que ellas não levem a sua natural gentileza a atrair publico. Não senhor. O mau prenuncio é de que trememos da falta de ouvir falar a nossa lingua. E as duas graciosas artistas tudo sabem menos a lingua

que nos é querida e que os srs. directores de theatro são os primeiros a desprezar. Em summa, isto é uma questão de catturice. Quem, com certeza, as não ouvirá é o sr. Dr. Candido de Figueiredo.

Depois dos nomes citados apparece-nos uma aluvião d'artistas novos, de mistura com outros em absoluto deslocados no genero a explorar. A vêr iêmos o que se apura em final da época.

Para récitas extraordinarias teremos a nossa Angela Pinto que ha muito não canta genero ligeiro e que esta época dá um formoso exemplo a todos os auctores de ir *crear* diversas peças em D. Maria e D. Amelia. Felicitemo-la e felicitemos todos todos os que apreciam boas interpretações.

A actriz-cantora, Palmira Bastos, também fará determinadas peças e assim a época se nos antólha afadigosa e de bom augurio.

Já nos iamos esquecendo. Vamos lá ao *Pra Frente*. A revista tem graça espalhada pelos diversos quadros. Alguns são de tal forma constantes na critica que os seus auctores ficaram de vez notados como optimos observadores. O quadro passado na feira de Alcantara, em que os barraqueiros de comens e bebés são os personagens politicos mais em evidencia é d'uma allusão flagrante. Outros ha que não desmerecem o valor do quadro apontado, conservando o espectador bem disposto numa atmospheria tépida de agrado lisongeiro. E... está feito o elogio do *Pra Frente*. A musica é agradável e tem numerosos assimilaveis.

O desempenho por parte das sr.<sup>as</sup> Carmen Cardoso e Dolores Rentini é gracioso, tendo esta ultima duplo encanto emprestado pela sua voz potente. Estreiou-se uma premiada do Conservatorio, sr.<sup>a</sup> Dalila Mottili. E' graciosissima também. O que deve é modificar um pouco os acanhados gestos.

A parte gaita da revista pertence á sr.<sup>a</sup> Julia Mendes. E' a verdadeira actriz *canaille*. E' elemento imprescindivel no genero. Que malicia de olhar!... Os seus olhos tem tal maleabilidade voluptosa que a inoapacitam para trabalhos sérios. Isso se viu ao fazer uma ingénua no *Tiradentes*. *Ingénua*... aquillo?!... Não era uma ingénua, era uma *Maria Sabida*. Só arrancando os olhos. Mas não os tire que serão precisos para outras revistas.

Dos homens, os papeis maiores são os de Alfredo de Carvalho, Sarmiento e Alvaro. O sr. Alfredo é o *compère* de sobejo conhecido. Mesmo que o papel não tenha graça, elle empresta-a e a plateia não nota as deficiencias dos auctores. O sr. Sarmiento faz um portuguez abrazilado pela ausencia do seu país. E' simplesmente correcto e está nisso o seu elogio. O sr. Alvaro Cabral, faz um policia: *Delicadezas*. Faz o seu papel com graça. Criou um *tipo* á sua maneira. Meio napoleonico e meio bufo. Muito bem. E' original e ser-se original, custa tanto, não é verdade sr. Cabral?

O sr. Frœs ensinamos o dictador. E' fielmente observado. Ha intelligencia em sua interpretação e é tão difficil ser-se intelligente em theatro, não é assim, sr. Frœs? Se todos os artistas de theatro fossem, ao menos, um pouco intelligentes... Até ganhavam mais dinheiro...

O resto: tem-te Maria, não cains. Vê-se através do que fazem quanto esforço empregado pelo ensaiador!

A critica officiosa não notificou o excellente e completo trabalho do actor José Alves, no carroceiro.

Porquê? Nada mais.

MAR DE LAGRIMAS

E' o titulo do primeiro original portuguez que se representou esta época em D. Maria.

Como tencionamos falar circumstanciadamente sobre a peça, desempenho e encenação que é d'um novo, o sr. Araujo Pereira, no proximo numero dirêmos de nossa justiça.

Até domingo.

Nos dois.

Quereis fazer uma longa viagem, sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete—«A OSMOND»

**FABRICA DOS SANTOS MARTYRES**

DE  
**CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA  
**AVEIRO**

**METHODO JOAO DE DEUS**

**LEITURA**

- Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000
- Quadros Parletacs**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 65000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.ª ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia prático e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

**ESCRIPTA**

- Arte de Escripita**—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
- A Cartilha Maternal e a Critica**..... 500
- Do mesmo auctor:
- LITTERATURA**
- Campo de Flores**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

**DEPOSITO GERAL**

**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA**  
Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

**DESCONTOS**

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (à Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

**E FERRAGENS**  
—DE—

**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

**MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES**

DE  
**Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saíbas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA**

AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasso o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gossasse desde ha muito de excellentes ereditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquellos que em Aveiro precisam de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Felttos quasi de graça só na Oficina de alfaiate**

DO  
**ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**  
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança de pequenas dividas**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Cabals, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatorias de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Specialidade em cartões de visita

**POVO DE AVEIRO**

TYPOGRAPHIA

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

—DE—

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de sala.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

**MACHINAS "PFAFF,"**

—E—

**BICYCLETTES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Aguiã), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito Santo**

para verem as vantagens que estas casas lhes offercem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.